

Utopia necessária como o pão de cada dia

«Poesía necesaria como el pan de cada día» diz o poeta. Poesia e utopia rimam bem, e ambas nós são totalmente indispensáveis para atravessarmos o túnel. Não aceitamos essa sociedade oficial que reduz a vida humana a mercado ou, no melhor dos casos, se propõe o objetivo, sempre adiado, de reduzir a fome à metade...

Estamos indignados e perplexos. Muitas vozes, de muitos ângulos, confessam que estamos em crise. E que, estando assim as coisas, não vai bem nem para Deus nem para o Mundo.

Estar em crise, entretanto, não é necessariamente uma desgraça. A crise é a febre do espírito. Onde há febre há vida. Os mortos não têm febre.

Não se trata de ignorar a realidade. Mais ainda: é preciso assumi-la e transformá-la, radicalmente. Agora já não mais nos conformamos com proclamar que «outro mundo é possível»; proclamamos que é fatível e o fazemos. A Agenda Latinoamericana Mundial, que estamos preparando para o 2007, intitula-se precisamente «Exigimos e fazemos outra democracia». «Lá embaixo –com o povo- e à esquerda», definem os zapatistas na «outra campanha». E já se tem anunciado que vamos «para o Socialismo do século XXI», com «a Humanidade como sujeito» da mudança.

A utopia é necessária porque a desigualdade entre ricos e pobres aumenta, segundo a ONU, inclusive em países do Primeiro Mundo. Nossa América, segundo a OEA, é a região mais injusta, por essa desigualdade sistemática. Há mais riqueza na Terra, mas há mais injustiça. África tem sido chamada «o calabouço do mundo», uma «Shoá» continental. 2,5 bilhões de pessoas sobrevivem, na Terra, com menos de 2 euros por dia e 25 mil pessoas morrem diariamente de fome, segundo a FAO. A desertificação ameaça a vida de 1,2 bilhão de pessoas numa centena de países. Aos emigrantes lhes é negada a fraternidade, o chão debaixo dos pés. EEUU constrói um muro de 1.500 Km contra a América Latina; e Europa, ao sul da Espanha, levanta uma cerca contra a África. Tudo isso, além de iníquo, é programado. Um imigrante africano, numa comovedora carta escrita «atrás dos muros de separação», adverte: «Peço-lhes que não pensem que é normal que vivamos assim, porque, de fato, é o resultado de uma injustiça estabelecida e sustentada por sistemas desumanos que matam e empobrecem... Não apoiem esse sistema com seu silêncio».

Mas a Humanidade «se move»; e está dando uma virada para a verdade e a justiça. Há muita utopia e muito compromisso neste Planeta desencantado. Alguém já recordou que o Século XX «foi um imenso cemitério de impérios: o britânico, o francês, o português, o holandês, o alemão, o japonês e o russo». Fica, balançando, o império estadunidense, que vai cair também. América Latina se distancia da tutela dos Estados Unidos e Ásia deu também as costas aos Estados Unidos, na primeira cúpula organizada pela ASEAN. A UNESCO declarou Patrimônio da Humanidade a Diversidade Cultural. O Século XXI –que já sabemos que será um século místico- será também o século do Meio Ambiente. O diálogo ecumênico e o diálogo inter-religioso crescem em

vários níveis, como um novo paradigma da fé religiosa e da paz mundial. As Igrejas, as Religiões, vão se encontrar necessariamente e terão de fazer a paz para a paz do Mundo. Na Igreja Católica, dentro de uma monótona continuidade oficial, que já se esperava, muitas comunidades e muitos coletivos de reflexão teológica e de pastoral sabem ser simultaneamente fiéis e livres. Vamos aprendendo a ser Igreja adulta, una e plural. Se rechaçamos a ditadura do relativismo, também rechaçamos a ditadura do dogmatismo. Não permitiremos que o Concílio Vaticano II seja um «futuro esquecido»; e até urgimos o processo de preparação de um novo Concílio, verdadeiramente ecumênico, que contribua a partir da fé cristã na tarefa maior de humanizar a Humanidade. Em Nossa América está se preparando a V Conferência Episcopal, chamada «CELAM V». Um primeiro texto, de consulta, resulta pouco estimulante, como escrito «por teólogos que já estão no céu» ironiza um velho teólogo. Teremos que suprir alternativamente e não permitir que esse CELAM V esqueça Medellín. Há prioridades sócio-pastorais, em Nossa América, que nos exigem realismo e utopia, coerência e compromisso, sem possível adiamento.

Aqui, em casa, na Prelazia de São Félix do Araguaia, seguimos caminhando, agora com o bispo Dom Leonardo. Desafios não nos faltam. Continua sem solução o acampamento frente à fazenda Bordolândia, já desapropriada; a Gleba Liberdade, de acampados também, há quase 3 anos esperando; e a aldeia Xavante Marawatsede com treze anos de tensão. (As políticas agrária e indigenista do nosso Brasil estão atoladas, por «respeito» ao latifúndio, ao agronegócio e à bancada ruralista). Na Assembléia Pastoral deste ano reafirmamos as três prioridades da nossa Igreja particular: formação, autonomia, pastoral sócio-política. Estamos nos preparando para a grande Romaria dos Mártires da Caminhada, em Ribeirão Cascalheira, nos dias 15 e 16 de julho, por ocasião do trigésimo aniversário do martírio do Padre João Bosco Penido Burnier. Com o nosso Pe. João Bosco faremos memória também de todos aqueles e aquelas que vêm dando a sua vida pelo Reino, particularmente em Nossa América. O tema da Romaria é «Vidas pelo Reino da Vida». Entre tantas memórias destacamos a figura do patriarca da causa indígena, Sepé Tiarajú, no 250 aniversário de sua heróica morte.

Fazer memória do martírio é vital para cada povo, vital para a Igreja de Jesus. Se perdemos a memória dos mártires, perdemos o futuro dos pobres.

Eu, no meu sossego de aposentado, experimentando «a pobreza biológica» com as suas limitações. Em compensação tenho podido editar alguns livros, como filhos da velhice. Permite-se um comercial?: «Murais da Libertação», com Cerezo Barredo, ed. Loyola; «Orações da Caminhada», ed. Verus; «Cuando los días dan que pensar», ed. PPC; «Cartas Marcadas», ed. Paulus/Brasil; «Con Jesús, el de Nazaret», com José Luiz Cortés, ed. PPC; «Los ojos de los pobres», com Juan Guerrero, em castelhano e em catalão, ed. Ediciones 62.

Sigamos editando utopia, compromisso, transparência, vida. E recordemos que a utopia deve ser verificada na práxis diária, que «a esperança somente se justifica naqueles que caminham» e que «nos é dada para servir aos desesperançados». Para este serviço penso que hoje nos é pedido, sobretudo, um testemunho coerente, uma proximidade samaritana, uma presença profética.

A todos, a cada um e a cada uma a quem devo amizade, gratidão e carta, um forte abraço na paz militante do Evangelho.

Pedro Casaldáliga

Circular 2006